

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal, a Linha da Frente do Faz-de-Conta Digital

Publicado em 2026-06-17 22:43:00



BOX DE FACTOS

- Segundo o INE, em 2025 apenas 11,5% das empresas em Portugal utilizavam tecnologias de Inteligência Artificial.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- A Comissão Europeia assinalou, no relatório da Década Digital 2025, que Portugal enfrenta dificuldades na adopção de IA pelas empresas e na formação em competências digitais básicas.
- A Reuters noticiou o investimento anunciado da Microsoft em infra-estrutura de IA em Sines, em parceria com Start Campus, Nscale e NVIDIA.
- O Stanford AI Index 2025 mostra que a corrida global à IA continua dominada por investimento maciço, modelos avançados, capacidade computacional e concentração tecnológica nos grandes pólos mundiais.

Portugal, a Linha da Frente do Faz-de-Conta Digital

Portugal descobriu a Inteligência Artificial como antes descobriu a inovação, a transição digital, os clusters, os hubs, os unicórnios e demais criaturas mitológicas do vocabulário ministerial. O problema é que entre

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há países que fazem ciência. Há países que constroem indústria. Há países que transformam conhecimento em produto, produto em exportação, exportação em riqueza e riqueza em soberania. Depois há Portugal, esse velho palco de opereta administrativa onde basta alguém pronunciar as palavras “inteligência artificial”, “inovação”, “ecossistema” e “linha da frente” para que meia dúzia de criaturas graves se levante, componha o casaco e declare que o futuro já chegou.

O futuro, em Portugal, chega quase sempre em conferência de imprensa. Raramente chega à fábrica, ao laboratório, ao salário, à propriedade intelectual ou à balança comercial.

A expressão “linha da frente da inovação em IA” é um daqueles prodígios nacionais de optimismo administrativo. Pode haver empresas portuguesas a utilizar bem ferramentas de Inteligência Artificial? Pode. Pode haver técnicos competentes, engenheiros brilhantes, programadores sérios, investigadores capazes e equipas a fazer trabalho útil? Sem dúvida. Portugal tem talento. Sempre teve. O problema nunca foi a ausência de talento.

O problema é o país oficial tratar o talento como decoração de PowerPoint, enquanto a mediocridade continua

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma coisa é uma empresa usar ferramentas de IA para melhorar processos internos, automatizar tarefas, analisar texto, gerar conteúdo, classificar dados ou apoiar atendimento. Outra coisa, completamente diferente, é Portugal estar na linha da frente da Inteligência Artificial.

Entre uma coisa e outra vai a distância entre acender uma lanterna e anunciar que se inventou o Sol.

Estar na linha da frente significaria criar modelos próprios, desenvolver tecnologia exportável, formar e reter investigadores, produzir propriedade intelectual, controlar infra-estruturas críticas, ter capacidade computacional soberana, criar empresas de produto com escala internacional, transformar universidades em motores industriais e aproximar ciência, engenharia e economia real.

Mas isso dá trabalho. Muito trabalho. Requer continuidade, competência, estratégia, exigência, avaliação séria, investimento paciente e liderança técnica. Uma maçada, portanto. Muito mais confortável é fazer o habitual: pintar de dourado a velha carroça, chamar-lhe “hub”, colar-lhe uma etiqueta europeia e esperar que Bruxelas solte mais uns fundos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, em 2025 apenas 11,5% das empresas portuguesas utilizavam tecnologias de Inteligência Artificial. É um crescimento face ao ano anterior, sim. Mas convém guardar a corneta no armário: segundo o Eurostat, a média da União Europeia rondava os 20% das empresas com 10 ou mais trabalhadores.

Ou seja, enquanto por cá se proclama a “linha da frente”, os números mostram um país ainda atrás da média europeia na adopção empresarial de IA. Linha da frente talvez, mas só se a frente estiver virada ao contrário, como tantas decisões estratégicas nacionais.

A própria Comissão Europeia, no relatório português da Década Digital 2025, assinalou que Portugal enfrenta dificuldades na adopção de Inteligência Artificial pelas empresas e na formação em competências digitais básicas. Traduzindo do dialecto bruxelês para português claro: temos boa conectividade, alguma capacidade instalada, projectos interessantes, mas continuamos longe de uma transformação profunda, distribuída, produtiva e estrutural.

A propaganda gosta de falar de “ecossistema”. O problema é que muitos destes ecossistemas portugueses

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O caso dos grandes centros de dados é exemplar. São apresentados como prova da modernidade nacional. E podem, de facto, ter valor: trazem infra-estrutura, conectividade, investimento, capacidade computacional e algum emprego qualificado. Mas convém não confundir infra-estrutura com soberania, nem investimento estrangeiro com criação nacional de tecnologia.

A Reuters noticiou que a Microsoft planeia investir cerca de 10 mil milhões de dólares em infra-estrutura de IA num centro de dados em Sines, em parceria com a Start Campus, a Nscale e a NVIDIA. O projecto prevê a instalação de milhares de GPUs de última geração. É uma notícia relevante. Mas a pergunta decisiva continua a mesma: quem fabrica os chips? Quem controla as plataformas? Quem detém os modelos? Quem captura a margem principal? Quem fica com a propriedade intelectual? Quem decide a arquitectura? Quem manda no fim da cadeia?

Se a resposta for quase sempre “outros”, então Portugal não está propriamente a conquistar a Inteligência Artificial. Está a alugar território, energia, cabos, água, estabilidade geográfica e silêncio político para que outros instalem o seu poder computacional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

o dono da garagem em génio da computação.

A velha indústria nacional da candidatura bem perfumada

Portugal tornou-se especialista numa forma peculiar de ilusionismo económico: importa tecnologia, importa equipamentos, importa plataformas, importa software, importa capital, importa modelos de negócio e depois celebra a operação como se tivesse acabado de fundar uma nova Silicon Valley atlântica, com melhores pastéis de nata e piores salários.

Há, neste entusiasmo nacional pela IA, um velho padrão português: confundimos presença com liderança, adopção com criação, infra-estrutura com indústria, financiamento com inovação, propaganda com estratégia.

A Inteligência Artificial tornou-se mais uma palavra mágica no formulário. Tal como antes foram a “transição energética”, a “resiliência”, a “digitalização”, a “economia circular” e a “inovação disruptiva”. A receita é conhecida: escolhe-se a palavra da moda, embrulha-se em linguagem europeia, junta-se um consórcio com nomes pomposos, acrescenta-se uma universidade, duas consultoras, meia

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

aromatizado continua viva. Talvez seja, essa sim, a nossa verdadeira inteligência artificial: a inteligência de parecer moderno sem mudar quase nada.

O mundo corre. Portugal discursa.

O Stanford AI Index 2025 mostra uma realidade dura: a corrida global da Inteligência Artificial está a ser marcada por investimento privado maciço, concentração de modelos avançados, domínio de infra-estruturas computacionais e uma disputa geopolítica intensa entre grandes blocos tecnológicos.

A IA não é apenas uma aplicação simpática para escrever emails, gerar imagens ou resumir relatórios. É uma infra-estrutura de poder. É indústria. É ciência. É energia. É chips. É dados. É defesa. É medicina. É automação. É educação. É produtividade. É capacidade de decisão. É soberania.

Quem controla os modelos, controla parte crescente da economia. Quem controla os dados, controla conhecimento. Quem controla a computação, controla a velocidade da investigação. Quem controla as plataformas, controla dependências. E quem apenas consome tudo isto, por muito contente que esteja no corte da fita, continua consumidor.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A mediocridade não cria futuro. Apenas o anuncia.

O país real continua com empresas pouco digitalizadas, PME sem escala tecnológica, baixa produtividade, salários comprimidos, administração pública fragmentada, sistemas informáticos do Estado envelhecidos, dependência excessiva de fornecedores externos, pouca cultura de produto e uma assustadora tendência para substituir pensamento estratégico por slogans de feira.

E depois admiram-se que o país não saia do mesmo sítio.

A Inteligência Artificial exige uma base que Portugal teima em não construir: educação científica robusta, matemática levada a sério, programação ensinada cedo e bem, universidades ligadas à indústria, capital paciente, compras públicas inteligentes, soberania de dados, infra-estruturas resilientes, avaliação independente dos projectos financiados e uma cultura nacional que premie competência em vez de premiar proximidade, compadrio e habilidade burocrática.

Mas Portugal prefere o cerimonial. A placa descerrada. A fotografia com capacete branco. O ministro a sorrir ao lado de um armário técnico que provavelmente não sabe

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Segurança Social.

A fanfarronice também é uma forma de atraso

O mais grave é que esta fanfarronice não é apenas ridícula. É perigosa.

É perigosa porque cria a ilusão de que estamos bem quando ainda estamos atrasados. É perigosa porque adormece a crítica. É perigosa porque transforma fundos públicos e europeus em combustão lenta para projectos cosmeticamente modernos e estruturalmente vazios. É perigosa porque permite que incompetentes se fantasiem de visionários. É perigosa porque tapa a realidade com néon.

Portugal não precisa de mais gente a proclamar que está na linha da frente. Precisa de gente capaz de construir a frente.

Precisa de empresas tecnológicas com produto próprio. Precisa de laboratórios que não sejam ilhas isoladas. Precisa de engenheiros bem pagos. Precisa de investigadores que não tenham de emigrar para serem respeitados. Precisa de empresários que arrisquem em tecnologia profunda e não apenas em turismo, imobiliário e consultoria de candidatura.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

que volte a distinguir entre aparência e substância. Parece pouco. Neste país, é quase uma revolução.

Epílogo: a linha da frente conquista-se

A verdadeira inovação não nasce da vaidade institucional. Nasce do atrito entre inteligência, necessidade, liberdade e trabalho. Nasce onde há rigor. Nasce onde há consequência. Nasce onde o falhanço ensina e a competência manda. Nasce onde os medíocres não são promovidos apenas por saberem sorrir no momento certo diante da pessoa certa.

Portugal tem talento suficiente para muito mais. Tem engenheiros, programadores, investigadores, técnicos, empreendedores e jovens brilhantes. O que não tem é um sistema à altura deles.

Enquanto o país oficial continuar a confundir a espuma dos anúncios com a profundidade da transformação, continuaremos presos a esta comédia triste: um país pobre a falar como potência tecnológica, enquanto importa quase tudo aquilo que o tornaria verdadeiramente moderno.

A linha da frente não se declara. Conquista-se.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Referências

- INE / Statistics Portugal — “In 2025, 11.5% of enterprises use Artificial Intelligence technologies”: [Statistics Portugal](#)
- Eurostat — “20% of EU enterprises use AI technologies”: [Eurostat](#)
- European Commission — Portugal 2025 Digital Decade Country Report: [European Commission](#)
- Reuters — Microsoft plans major AI infrastructure investment in Portugal: [Reuters](#)
- Stanford HAI — AI Index Report 2025: [Stanford Institute for Human-Centered AI](#)

Nota editorial: Este artigo não critica a utilização séria de Inteligência Artificial por empresas, técnicos, investigadores ou equipas competentes em Portugal. Critica, isso sim, a velha tendência nacional para transformar casos isolados, investimentos estrangeiros, infra-estruturas importadas e candidaturas bem escritas em proclamações grandiosas de liderança tecnológica. A inovação verdadeira não se anuncia:

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Com apoio editorial de : Augustus Veritas.

Nota final

Portugal não está atrasado por falta de talento. Está atrasado porque transformou a ilusão em método de governação.

Enquanto o país oficial continuar a vender futuro em conferências, a decorar dependência externa com palavras modernas e a confundir fundos europeus com estratégia nacional, Portugal continuará a caminhar para amanhã com os bolsos cheios de brochuras e as mãos vazias de destino.

O futuro não se anuncia. Constrói-se. E não se constrói com slogans, fotografias, candidaturas perfumadas e discursos de circunstância. Constrói-se com competência, indústria, ciência, soberania tecnológica e uma cultura nacional que deixe de confundir aparência com substância.

- Francisco Gonçalves



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)